

ABERTURA:

Dizem que a terra fala.

Mas não é com palavras altas.

É com sinais. Com marcas. Com histórias que ficam guardadas no chão, nas mãos, no vento.

Quem escuta, aprende.

Quem aprende, cuida.

E quem cuida... ajuda a história a continuar.

Esses são os contos que o Amajari conta.

Não de uma vez só...

mas aos poucos, pra quem caminha com atenção.

## CONTO - Macuxi e o Chão que Conta Histórias

Macuxi andava olhando pro chão.

Não era distração. Era respeito.

— Quem anda olhando só pra frente perde metade da história — ele dizia.

A trilha subia pela Serra do Tepequém, com cheiro de terra úmida e folhas amassadas sob os pés. As crianças vinham atrás, rindo... até que ele levantou a mão.

— Ei... devagar agora.

Silêncio.

Macuxi se abaixou, tocou a terra fria e afastou as folhas.

— Cheguem mais perto.

Na mão dele, uma pedra diferente. Escura. Afiada de um lado.

— Isso aqui... não nasceu assim.

As crianças olharam. Não era só uma pedra. Tinha forma. Tinha intenção.

— Parece quebrada...

— Parece — disse ele — mas foi feita.

— Por quem?

Macuxi levantou o olhar.

— Por gente que viveu aqui antes da gente existir.

O vento passou leve. Como se também escutasse.

Ele mostrou mais. Um pedaço de cerâmica. Marcas no chão. Um lugar onde, um dia, alguém trabalhou, cozinhou, viveu.

As crianças começaram a imaginar: fogo aceso, panelas no chão, mãos moldando o barro.

— Então... a gente tá andando em cima da casa deles?

— Em cima da história deles — respondeu Macuxi.

Uma das crianças pegou a pedra.

— Posso levar?

Macuxi sorriu, com calma.

— A gente não leva. A gente aprende.

Ele colocou a pedra de volta.

— Quando a gente tira tudo, a história some. Quando a gente respeita... ela continua sendo contada.

As crianças entenderam.

Nem tudo é pra guardar na mão.

Algumas coisas são pra guardar no olhar.

Macuxi se levantou e disse:

— O Amajari não começou com a gente.

E seguiu.

E ninguém mais caminhou olhando só pra frente.

## CONTO 2 - Elton e as Mãos que Guardam o Tempo

Elton sentou no chão.

Os dois filhos, um de cada lado.

— Hoje eu vou contar uma história — disse ele.

— Mas não é de livro. É da terra.

O barro estava ali. Úmido. Frio. Vivo.

Ele colocou um pouco nas mãos dos meninos.

— Sente.

Eles apertaram. O barro cedeu devagar.

— O barro ensina paciência — disse Elton. — Se apressa, ele racha. Se cuida, ele dura.

Caminharam até o rio. A água corria mansa, como quem conhece o caminho há muito tempo.

Ali, o barro brilhava com pequenos pontos dourados.

— Parece ouro — disse um dos meninos.

Elton sorriu.

— É mais valioso que ouro.

Antes de tocar, ele parou.

— A gente pede licença.

Fecharam os olhos.

— A terra não é coisa. É vida — explicou. — A gente só pega o necessário.

Com cuidado, recolheram um pouco.

Nada a mais.

— Essa panela — disse ele — não é só pra cozinhar. É pra continuar uma história.

No caminho de volta, ele falou dos antepassados. Do povo Taurepang. Das mãos que vieram antes das dele.

— Isso tudo vive na gente — disse.

Os meninos ficaram quietos.

Sentindo.

Aprendendo.

Elton olhou para eles e concluiu:

— A gente não começa a história.

A gente continua.

E, naquele momento, o barro não era só barro.

Era tempo nas mãos.

## CONTO 3 - O Tesouro que Não é Ouro

O professor Sidinei olhava a serra em silêncio.

— Antes disso tudo aqui... era diferente.

As crianças se aproximaram.

— Como?

Ele respirou fundo.

— Aqui já foi garimpo.

E então contou.

Falou de homens cavando a terra, mãos sujas, olhos cheios de esperança. Procuravam brilho. Procuravam riqueza.

— Eles achavam que o tesouro estava escondido debaixo do chão.

As crianças imaginaram buracos fundos, ferramentas, cansaço.

— E encontraram?

Sidinei olhou para a paisagem.

— Encontraram... mas perderam outras coisas.

— O quê?

— A saúde da terra.

Silêncio.

— Quando a gente tira demais... sem cuidado... a terra sente.

O vento passou. As árvores responderam com um leve balançar.

— E depois?

Sidinei sorriu.

— A natureza mostrou outra riqueza.

Apontou para a água correndo limpa. Para o verde vivo. Para o ar leve.

— Hoje, as pessoas vêm pra viver isso.

As crianças olharam ao redor com outros olhos.

— Então o tesouro não era o diamante?

Sidinei respondeu:

— O verdadeiro tesouro é aquilo que continua existindo quando a gente cuida.

A serra parecia respirar.

E, dessa vez, ninguém falou.

Todo mundo entendeu.

## CONTO 4 - Onde Nasce o Que Não se Vende

Edinel e Dona Nilse caminhavam devagar.

A floresta cheirava a chuva. O chão, macio. O silêncio, cheio de vida.

— A floresta fala baixinho — disse Dona Nilse.

— E só escuta quem respeita — respondeu Edinel.

Foi então que apareceu.

Um azul intenso. Vivo.

— Parece um diamante... — disse ele.

Dona Nilse sorriu.

— Não é riqueza de vender. É de cuidar.

Ali estava o cogumelo azul. Raro. Delicado. Um sinal de que a floresta estava saudável.

— Já pensou numa damurida? — ela brincou.

Mas logo completou:

— A gente só pega o necessário.

Edinel ficou em silêncio.

Algo crescia dentro dele. Não era fome. Era criação.

— A floresta alimenta a arte — disse.

— E o cuidado alimenta o futuro — respondeu ela.

Eles lembraram do tempo do garimpo. Do brilho que feriu a terra.

Edinel olhou de novo para o cogumelo.

— Agora eu entendo...

Dona Nilse completou:

— A riqueza nasce quando a gente cuida.

Eles seguiram.

Deixando o cogumelo onde estava.

Porque quem ama...

não leva tudo.

Leva só a história.